ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇAO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1904* | *NUMERO 10*

(PHOTOGR. FERNANDES)

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI, AUCTOR DA PEÇA A «CRUZ DA ESMOLA», QUE SUBIU Á SCENA EM 8 DE JANEIRO NO THEATRO D. AMELIA

CHRONICA

Creanças .. creanças...

Aquelles pequeninos mimosos, innocentes e pobres que no dia de Reis, como uma bandada d'aves, se reuniram no jardim d'inverno do D. Amelia, são os que não têm sapatos para collocar junto da lareira na noute santa em que a fada loura vem deixar brinquedos ás creanças.

Eram muitos e todos andavam alegres, n'uma alegria louca e que fazia bem. Que grande conforto para as almas os risos d'elles, d'esses filhos dos pobres que tambem tiveram a sua festasinha.

Aos ranchos, os cabellos esparsos, os olhos brilhantes, agitando os seus brinquedos elles chalreavam como pardaes n'um eirado farto e mostravam uns aos outros o que lhes coubera em sorte:

—Olha esta espingarda! Olha a boneca .. Que linda!

E elles, todos elles, os pequeninos, decerto têm sonhado com todas as maravilhas que n'esse dia lhes deram, com os tambores, com os polichinellos, com as bonecas louras vestidinhas de côr de rosa e com Nosso Senhor glorioso e feito de luz, bondoso e pae de misericordia que fez os anjos e fez as estrellas, que fez o bem e deu aos corações a ternura e que formou as almas delicadas todas de carinho para os pequeninos filhos dos proletarios aos quaes deram consolo offerecendo-lhes esses brinquedos vindos d'outros para elles!

*

Havia no meio d'aquella algazarra um pequeno pallido de grandes olhos, muito sorridente, que rufava desesperadamente n'um tambor, os outros andavam em volta d'elle, cubiçosos e com ferro de não terem tambem tambores assim.

Um amigo meu observava-os e sorria:

—Vê tu. . Nada os contenta! Creanças... Creanças...

E não se lembrava elle que cousa alguma contenta mesmo os homens, esses animaes que passam a vida a desejar para aborrecer, que passam as horas a querer para repellir, a amar para odiar.

—Creanças . . Eternas creanças!

Como uma creança elle ria tambem diante das maneiras d'elles, d'aquella eira de pequenotes que folgavam e não se satisfaziam por completo.

E as mães... Oh! as mães... O que havia nos seus olhos! . .

N'um canto, uma mulhersinha vestida de luto guardava contra o peito a filhinha, uma moreninha muito doce, muito linda. Quando a chamaram levou-a pela mão; ia com os labios cerrados, amargurada. Uma das actrizes estendeu para a creança uma boneca e deu-lhe um beijo. A pequenita soltou um grito alegre, bradou:

—O' mãe! O' minha mãesinha, que bonita!

Então essa mulher, severamente vestida de negro, de labios cerrados e modos tristes, sorriu, abraçou a filha e disse a meia voz, n'um soluço, para a gentil rapariga que entregara o brinquedo á pequenita:

—Deus lhe pague, minha senhora... Deus lhe pague!...

E foi para o recanto a rir e a chorar, muito direita, muito commovida, com a filha pela mão e vestida de luto.

Lá ficaram ambas, a mãe a beijar a filha, e eu ainda tenho na retina a pequenita muito morena a beijar por sua vez a boneca de cabellos d'ouro, que fechava os seus olhos de contas nas suas pupillas de *biscuit*.

*

Emquanto as creanças se deliciavam com os brinquedos da caridade, os homens faziam prodigios pelo bolo rei.

O bolo rei é um symbolo como as brôas.

Para muitos elle é um pouco de dinheiro, para outros o olhar d'uma mulher, para muitos a morte das sogras e para a maioria um emprego publico.

Com o feitio superstícioso dos lisboetas, a distribuição do bolo rei á mesa de familia é uma cousa solemne; faz-se entre gritos, entre berros, entre lagrimas e entre preces:

—Ah! Lá se me foi o emprego . Já sei que não apanho nada!

—Ora. . isso são cousas — consolam outros, consolando-se tambem.

—Qual?! Se não me calhou a fava!

De forma que a cidade tem na semana um unico desejo:

Receber a fava como prenuncio de fartas felicidades, de maiores rações.

Homens e creanças tiveram, pois, os seus desgostos e as suas alegrias. Mesmo os contemplados são eguaes aos garotos que desejavam o tambor do companheiro n,aquella festasinha encantadora...

ROCHA MARTINS.

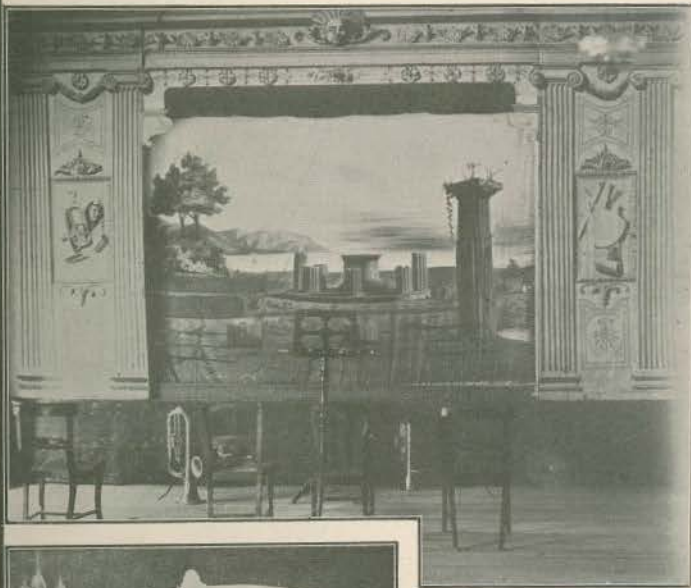
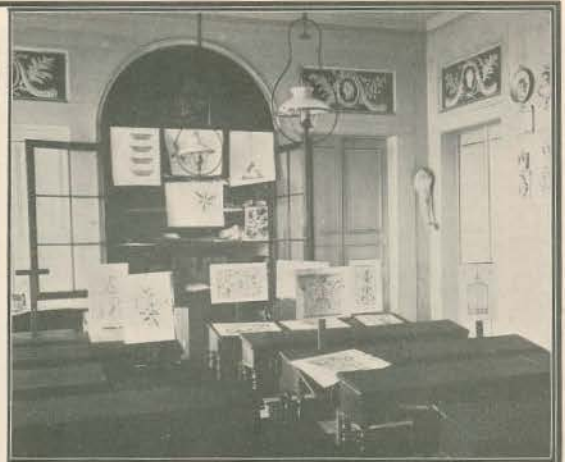
O CORONEL SOUSA MACHADO, COMMANDANTE DO REGIMENTO

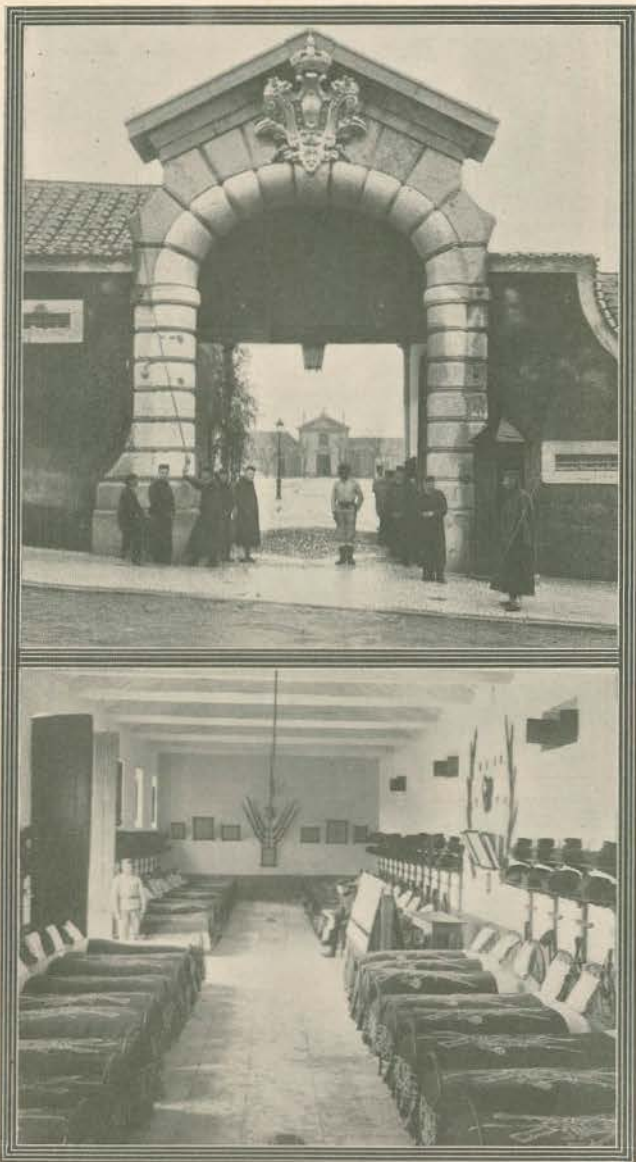
O TENENTE-CORONEL JAYME DE SOUSA MARQUES

A SALA DOS SAPADORES

A PARADA DO QUARTEL

OUTRO LADO DA PARADA

A BENÇÃO DA BANDEIRA NO QUARTEL DE INFANTARIA N.º 1

AS OFFICINAS DE S. JOSÉ

A OFFICINA DE ALFAIATE—A AULA DE DESENHO—O THEATRO DOS ALUMNOS—A OFFICINA DE SAPATEIRO—A CALPELA—A CASA DOS ENSAIOS DE MUSICA

O PORTÃO DAS ARMAS—A CASERNA DO 1.º BATALHÃO
O REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1

A DISTRIBUIÇÃO DE BRINQUEDOS ÁS CREANÇAS, EM DIA DE REIS,
NO JARDIM DE INVERNO DO THEATRO D. AMELIA

A BENÇÃO DA BANDEIRA DO REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1, QUE SE EFFECTUOU NA EGREJA DA BOA-HORA EM 3 DE JANEIRO

COSTUMES LISBOETAS

O Senhor dos Passos da Graça

(PROSA D'UMA LENDA)

EI que foi ha muitos annos, ha mesmo seculos, por uma noute escura e de geada, em fevereiro, em sexta feira, dia de jejum e d'agoiros, que um romeiro curvado, sem manta e com fome, sem carinhos e com febre, d'olhos resignados, os pés mordidos pelos calhaus dos caminhos, a longa cabelleira molhada da chuva, n'uma lastima e n'uma esperança, subiu a esgalgada encosta da Graça e parou sem alento á porta do convento que do topo do morro, adentro das muralhas, claro e forte com os seus sinos e com a sua cruz, dominava a cidade apagada e de silencio.

Aquelle velhinho de barba côr d'estriga e de rosto sagrado vinha do outro lado de Lisboa, das bandas do circuito poente dos muros, vinha do alto da Trindade fronteiriça á Graça, fóra das portadas, tambem n'um morro e tambem com o seu convento, a meio das terras de semeadura e dos verdes olivedos foreiros á gente de Jesus, senhora do mosteiro de S. Roque.

O romeiro puxara a corda da sineta na casa dos jesuitas, que se conservara cerrada, tornara a puxal-a, já exhausto e com a idéa em Deus, mas um leigo gordo, bem abafado e grave, negara-lhe o pousio e fechara-lhe a porta. Então, cheio de fome e cheio de perdão, com uma lagrima e com uma sombra vaga nos seus olhos resignados, atravessara as ruas sem luz e sem rondas, passara rente aos solares, ouvira vozes namoradas no mysterio dos balcões e ouvira cães ladrando na defeza dos hortejos. Assim, sob a chuva, de dentes apertados, roido de fome e de desalentos, fôra-se pelas viellas e sentira tinir ferros em brigas, vira fugir cadeirinhas lestas e macias como sombras, escutara alaudes acompanhando trovas nos terrenos de Valverde, roçara-se hombro a hombro com vultos embuçados de ares fidalgos e esporas de rosetas; topara o egoismo por toda a banda, o amor no esconderijo das gelosias, o odio nos campos rasos e subira por fim o caminho ingreme e barrento até á collina onde pousa o convento da Graça, que eu visitei na penultima sexta feira, dia de sol pallido e de Anno Novo.

Por causa de um velhinho triste e compungido, sem abrigo e cego, recordei a lenda doce do romeiro, que tem a sua prosa triste.

O mendigo estava na ala suja e esfarrapada das mulheres e das creanças, dos desgraçados que de mãos estendidas lamurinhavam:

—Uma esmolinha, uma esmolinha, meu rico bemfeitor.

Paravam trens á portaria, perfis femininos, doces e mimosos, appareciam, brilhavam arreios no lampejo do sol, rumorejava uma fiada de fieis á entrada do templo e homens d'opas desbotadas faziam côro com os pobres espetando bandejas:

—Esmola para o Santissimo... Esmola para Santa Rita

Entrei na onda e fiquei cá para traz, olhando a massa ajoelhada, vendo as frontes inclinadas aos pares, ás filas, cabeças de mulheres destacadas, com chapeus caros, emplumados, com fivellas com fitas, todas devotas n'uma atmosphera d'incenso, n'um rumor de preces diante das imagens.

Um Senhor morto estendia-se no esquife e era beijado humildemente pelos crentes que enfiavam as cabeças n'uma abertura e depunham o seu osculo nos pés corroidos, sanguentos, pés d'obreiro comidos pela cal, que a imagem deixava vêr mal cobertos n'um veu de cassa.

Em roda havia mais santos, muitos santinhos de olhos parados com uns cofres mal pintados na frente: estavam alí como na loja d'um santeiro, sem expressão e entre palmas verdes, sendo os cortezãos e a guarda da grande imagem do Senhor dos Passos, serena, soffredora esmagada sob o seu madeiro, com a face cheia de sangue e com o corpo amortalhado na tunica roxa.

Recordava-me sempre do romeiro velhinho de barbas alvas que n'essa sexta feira, desolado e com fome, batera á porta dos gracianos a contar-lhes como os jesuitas lhe tinham negado pousio.

Vi-o, com o seu rosto melancholico e de doçura com lagrimas nos olhos e com os cabellos molhados da chuva, a ser repellido da portaria da casa de Jesus e a subir depois a escalavrada encosta para entrar no mosteiro a gerar uma historia e a repousar.

Fôra ali n'aquella egreja da Graça, então um pobre conventiculo, que o peregrino passara a noute, a noute de tormento.

E a lenda cantava dentro em mim, n'uma evocação suave de cousas celestiaes, de relicarios d'ouro, de apparições, d'anjos de grandes azas voando n'um ceu azul: entrevia a cella que os frades tinham dado ao romeiro pobre, o cantinho caiado e fresco, no qual elle reponsara, onde lhe tinham servido a sopa hospitaleira e onde noviços d'olhos ternos e cabellos louros lhe tinham lavado os pés cortados pelos calhaus do caminho, emquanto o sino tocava para a oração da manhã e no côro o orgão despejava ondas sonoras echoantes na egreja, n'um fremito religioso e poetico. Parecia-me vêr o velhinho de barbas alvas com a cara do mendigo que lamuriava na portaria.

De quando em quando ouvia cahir moedas nas caixas, ouvia suspiros, entrevia mulheres de todas as classes subindo a escada do camarim onde o Senhor dos Passos offerece o seu bento pé côr de porcelana, tinto de sangue, aos beijos devotos: e eram velhotas de preto, unctuosas e encarquilhadas, que se babavam de devoção, e eram mulhersinhas novas, vestidas de seda, morenas, de olhos vivos, sensuaes e mysticos, que oravam; e eram burguezinhas languidas que se curvavam submissas: e tambem femeas do povo que deixavam cahir vintens na bandeja, muito envergonhadas e muito contrictas. Formava-se no recanto da egreja, em face do Senhor morto, um circulo extranho de velhas e de novas, de ca-

beças coifadas em lenços, engalanadas em chapeus de espavento; e, na minha retaguarda, um homem simiesco, jungido n'um habito de lustrina, a barbicha rala, os olhos pequenos como pontinhos de tinta, estava sentado em face da banca sobre a qual se ostentavam uns santos mal enroupados. Não fallava, acceitava as esmolas com um olhar guloso e sorria a repuxar os malares.

No calor do templo, n'aquelle cheiro de incenso e de pó de arroz, diante das imagens, em face das velas que ardiam com as suas chammas muito direitas, julguei vêr o velhinho a partir da hospitaleira casa, na noute, mysterioso e divino a evolar-se, a perder-se no espaço, a tomar uma fórma etherea, diaphana, ir para as regiões da luz, ao passo que a communidade dormia.

Parecia vel-o a transfigurar-se, a perder as rugas da face, a crear nos olhos uma luz diamantina e na cabeça uma aureola, parecia vel-o a mostrar-se muito pelo lado divino, já sem uma amargura, com ternura nos labios, no sorriso, ao ter encontrado o bem.

E ao mesmo tempo que elle tomava o caminho das regiões da paz, a cella do convento era inundada d'uma luz tão radiosa como jamais se viu outra, deslumbrante n'uma claridade extranha, de gloria e de triumpho: e uma imagem, que era a forma terrena do Redemptor, ficava a meio d'esse quarto, curvada sob o madeiro, a recordar aos homens que elle muito soffrera e muito sabia perdoar.

Porque o velhinho, segundo a lenda, era o proprio Senhor, que viera á terra a vêr o bem e o mal, nostalgico da agitada vida dos homens; era elle que, descera do ceu, onde tudo é harmonia e doçura, azul e ouro, claro e diamantino, mas onde a existencia é unifórme, á força de santidade.

O convento era pobre, muito pobre, tinha um pouco de horta e um triste cruzeiro. Não viviam lá fidalgos, nem gente de teres, apenas alguns desgraçados fugidos ao mundo se occultavam alem no ermiterio que tinha uma cidade aos pés e da qual chegavam os ruidos da vida como uma tortura, nos dias claros da primavera, quando a gente da côrte dava saraus ou ia para a Ribeira, quando a nobreza sahia nos seus coches pesados para as missas em S. Vicente de Fóra, quando nos palacios das Escolas Geraes, d'Alcaçova e de perto d'Apar-de-S. Martinho se festejavam annos de morgados ou investiduras de cavalleiros.

E o inverno lá em cima, no descampado, no ermo, era bravo; os frades passavam privações de lenha e iam esmolar pelas portarias dos nobres; vestiam mau burel e não usavam sandalias, jejuavam e rezavam, os pobres que recolhiam o peregrino ouviam as alegrias da cidade em festa e o seu orgão só tocava melopéas, recusavam a vida, recusavam a ambição, não queriam poder como os dominicanos, nem sciencia como os jesuitas, nem riquezas como os monges d'Alcobaça. Só amavam a graça de Deus, só a ella queriam esses fieis que recolhiam em sexta feira o peregrino que era Nosso Senhor e que deixara o convento onde lhe deram pousio n'uma manhã luminosa.

Agora ali, n'aquelle mesmo sitio, passavam as mulheres tocadas pela lenda, vinham muito gentis com as suas joias e com os seus vestidos roçagantes, tremulas de fé, na ancia d'um perdão ou d'um milagre, vinham todas contrictas como outr'ora as fidalgas tinham accorrido á Graça ao saberem do milagre do romeiro.

Porque os bons frades quando bateram á porta da cella n'essa manhã, em que n'uma aurora de luz o peregrino deixara o ermiterio, ficaram pasmados ao verem a meio do quarto essa imagem, soffredora e linda do Senhor dos Passos com o seu madeiro e com o seu habito roxo: então prostraram-se, beijaram as lages, ficaram em oração.

Assim de rastos, n'um agradecimento, derramando lagrimas, elles apertaram mais os cilicios ás carnes, ergueram as vistas turbadas para o ceu e d'ahi por diante todos os pobres que bateram á portaria foram recolhidos como o velhinho romeiro de barbas alvas e sem manto e esfomeado.

Os sinos tocaram e nas suas vozes foi o annuncio do milagre. Vieram os fieis e vieram as dadivas, chorou-se diante da imagem, a nobreza accorreu a casa dos bons fieis e o convento prosperou.

Alistaram-se os ricos na ordem, levaram-lhe os seus bens, de joelhos as mulheres foram orar á imagem santa que lá se mostra ainda hoje como um padrão do bem, como uma recompensa, como um symbolo da esmola que se deve dar. Foi, pois, assim que o convento engrandeceu e se tornou fallado, segundo reza a lenda.

Mas chegaram com as prosperidades as invejas e os litigios da Companhia de Jesus e como o romeiro, de olhos resignados e barba alva, primeiro batera á porta de S. Roque, onde lhe negaram pousio, todos os annos a doce imagem vae de visita á velha casa jesuita, entre fieis, entre luzes, com um troço de tropa e com um cortejo de sacerdotes. Todos os annos em fevereiro e em quinta feira Elle vae residir uma noute em S. Roque, dormir n'um altar, sem um protesto e cheio de bondade, hospitalando-se ali mas sahindo no dia seguinte para ir tomar o seu logar no fundo da egreja, lá na Graça, onde tem o altar e as luzes, onde encontra os labios das devotas a beijarem-lhe o pé sagrado e outr'ora rasgado como o d'um misero caminheiro d'agora, d'esses que muitas vezes batem ás portas onde lhes negam a dormida.

Da entrada do templo vinha sempre o borborinho das vozes, entrava e sahia gente, a ala dos homens de opas mendigava, os pobres lá fóra da porta supplicavam:

—Uma esmolinha .. uma esmolinha, meu rico bemfeitor.

—Esmola para o Santissimo .. Esmola para o Santissimo...

Olhei ainda aquella grande e soberba imagem do bello Senhor dos Passos, que tem o madeiro a esmagal-o e o olhar doce do peregrino, olhei os fieis, olhei o homem de rosto simiesco que recebia as esmolas e que sorria alvarmente.

Cá fóra o sol desapparecia, accendiam-se luzes, a cidade cobria-se no crepusculo e o velho cego e esfarrapado, estendendo a mão, tremula e deformada, pedia:

—Uma esmola... uma esmola...

Passavam os fieis, as senhoras lindas, as mulheres do povo, as burguezinhas, todas passavam com as imagens nos seios, consoladas e cheias da fé que salva. Os homens das opas lamurinhavam:

—Esmola .. esmola para o Santissimo ..

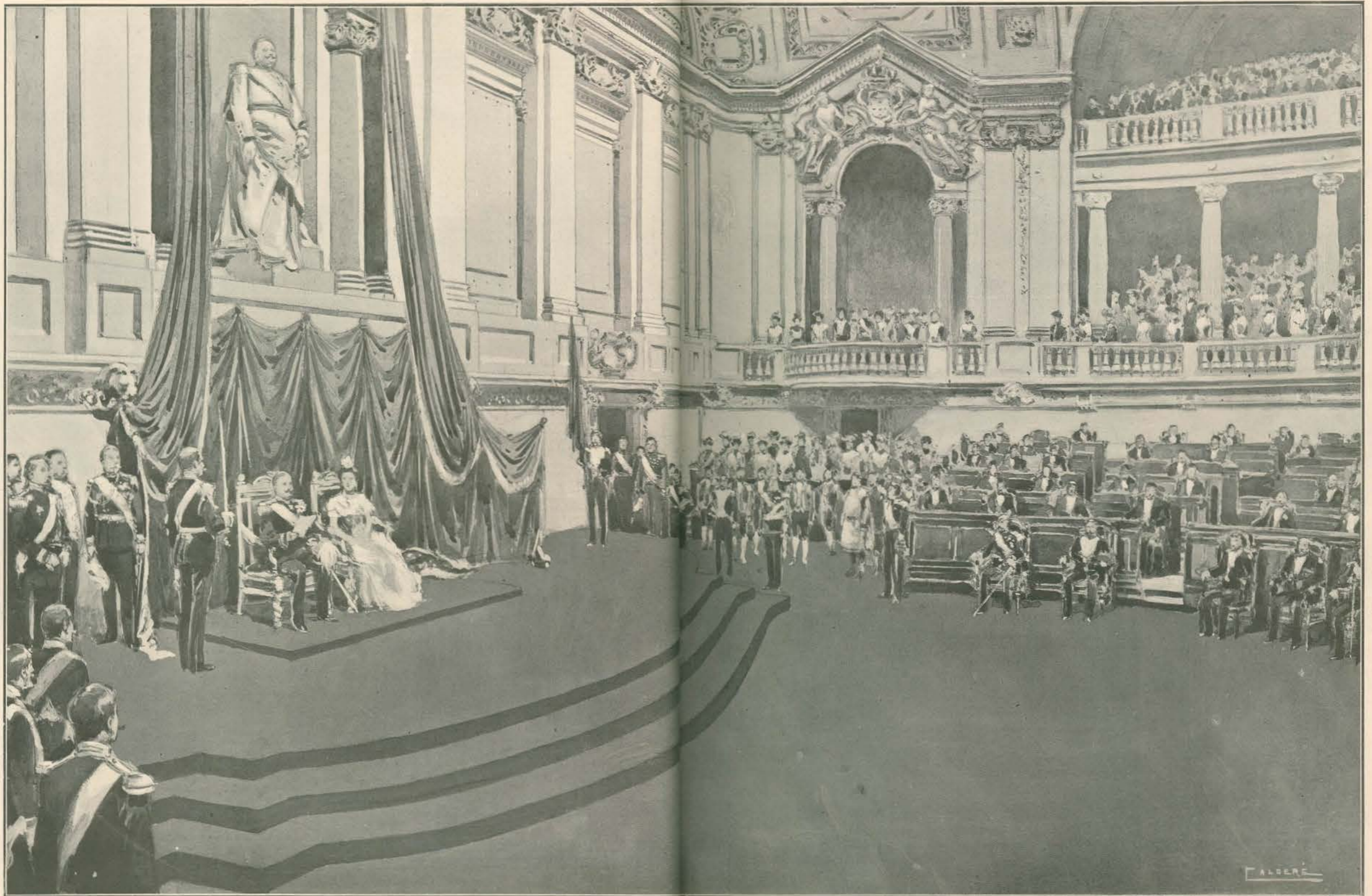
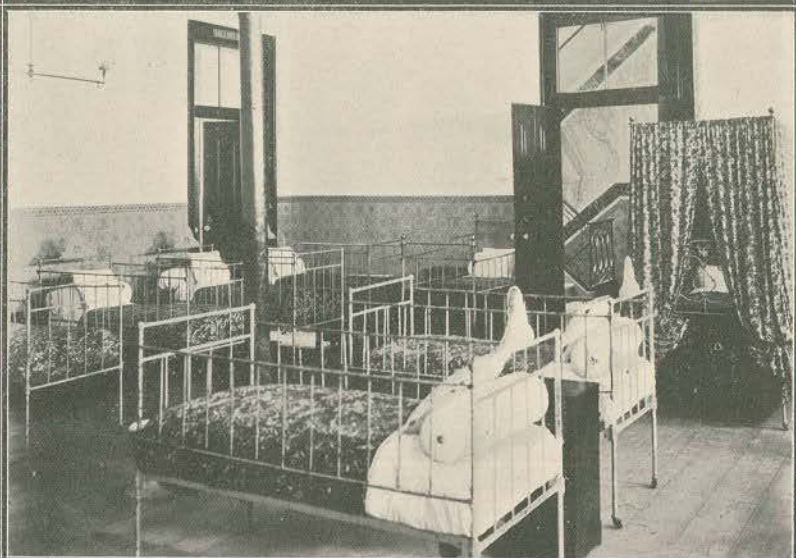
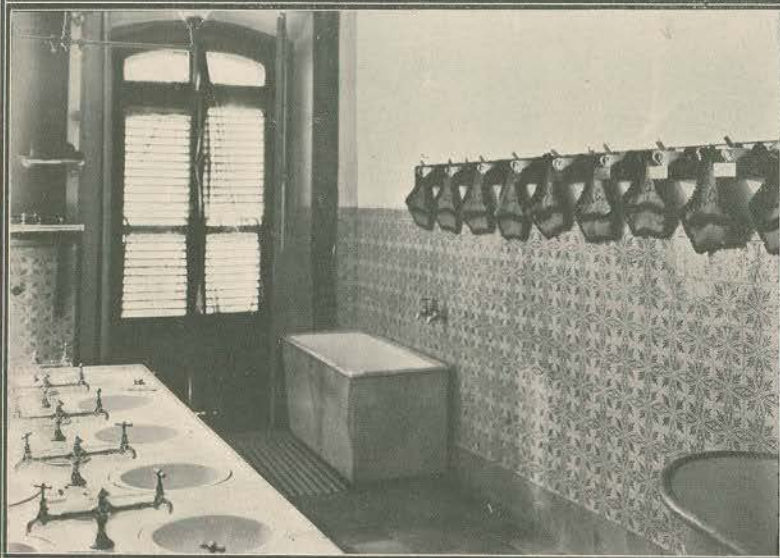
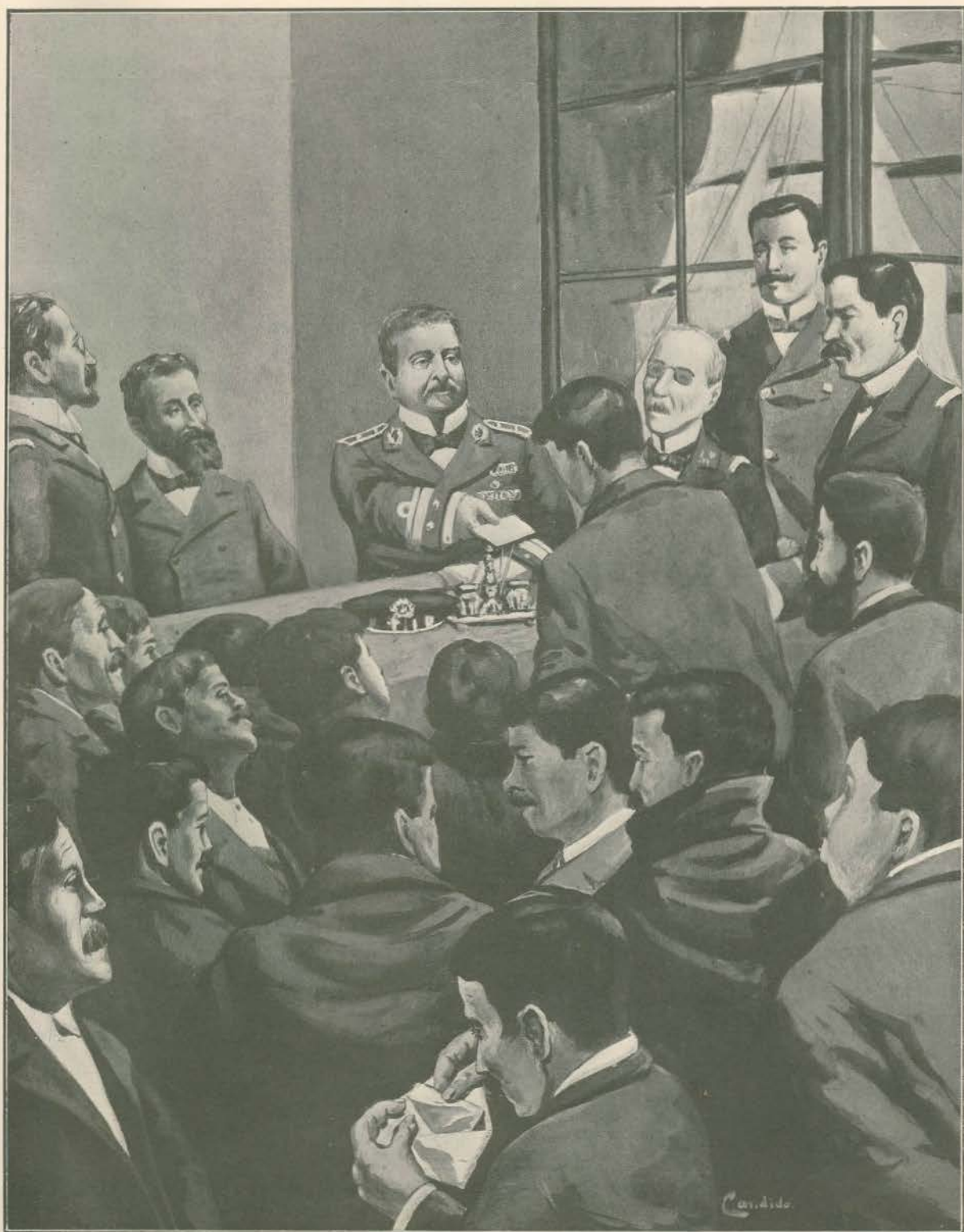
E enxotavam os pobres, os mendigos, as creanças, o velho cego e esfarrapado, recebendo as offertas e negando aos pobres o pão por essa sexta feira, dia de Anno Novo e dia de agouros. Aquelle velhinho cego recordou-me muito o peregrino que pedira pousada aos frades gracianos, recordou-me com as suas barbas alvas e com o seu rosto resignado, lembrou-me um Deus de olhos cerrados, todo perdão e todo bondade, que não quizesse vêr os peccados dos mortaes e os homens de opas desbotadas que enxotam os pobres da portaria da egreja e lamuriam unctuosos:

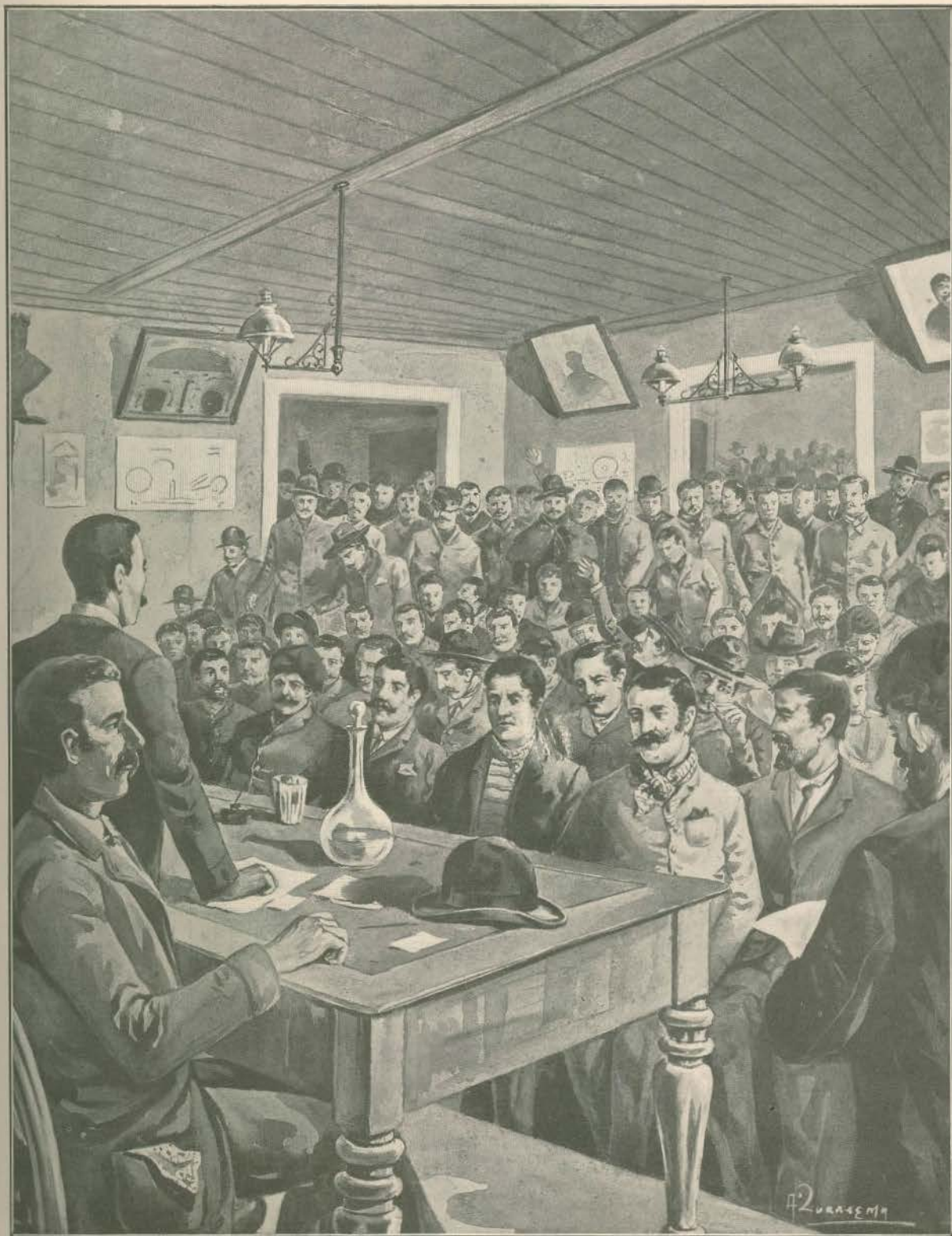
—Esmola para o Santissimo... esmola para o Santissimo

Pouco a pouco enchia-se a caixa da portaria, sobre a qual, n'um symbolo, pousava o casquete sebento de um policia que ajudava a afastar os mendigos, os desgraçados, n'essa tarde em que o velhinho cego me lembrou muito o romeiro da lenda no crepusculo e no frio, alem na Graça gloriosa e dominadora da cidade do peccado e do mal, onde Jesus não encontrou o abrigo n'uma collina e n'outra achou o bem, o pousio, o pão, como aquelle pobre cego escorraçado que deve ir bater agora á porta de S. Roque.

Talvez que ali, junto á velha egreja, na Misericordia, feita para os doentes, para os abandonados, para os que soffrem, ache o conforto e ache o carinho, um pedaço de pão e um asylo, o pobre cego.

E assim que bella lenda se formaria... A lenda da miseria ao cabo de seculos, acolhida na collina da qual repelliram Jesus, doce romeiro, de olhos resignados e de pés rasgados pelas pedras arestadas dos caminhos, Jesus que pagou o mal com o bem, divino apostolo cuja obra fructificou, porque soube ser coherente com ella até ao sacrificio, o bom Jesus feito velhinho das lendas e pae da misericordia, cujas feridas sangraram e cuja alma foi toda luz, foi toda amor.

ROCHA MARTINS.

A ABERTURA DO PARLAMENTO EM 2 DE JA: S. M. EL-REI LENDO O DISCURSO DA COROA

O ALBERGUE DAS CREANÇAS ABANDONADAS: UM GRUPO D'ALBERGADOS — A SALA DO CONSELHO — A CASA DO BANHO — UMA CAMARATA

A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS MARIA PIA AOS OPERARIOS DO ARSENAL DA MARINHA, EM 31 DE DEZEMBRO

A ABERTURA DO PARLAMENTO: S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO AGUARDANDO A CHEGADA DE SS. MM. NO ATRIO DO EDIFICIO

UMA REUNIÃO DOS OPERARIOS GREVISTAS DA EMPREZA NDUSTRIAL PORTUGUEZA

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN,

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Ora, Smyrna devia «ser fiel até á morte», foram estas as formaes palavras. Ella não manteve a sua fé, mas os peregrinos que lá vão parar consideram que ella se aproximou bastante para o merecer, e é por isso que citam o facto de Smyrna hoje trazer a sua corôa de vida, ser uma grande cidade, com muito commercio e muita actividade, ao passo que as cidades em que se estabeleceram as outras seis egrejas, e ás quaes não foi promettida nenhuma corôa de vida, desappareceram da superficie da terra. De maneira que Smyrna observada de um ponto de vista commercial possue

ainda na realidade a sua corôa de vida. A sua carreira, durante dezoito seculos, teve muitos contratempos, e ella foi governada por principes de diversas crenças, sem, comtudo, ter havido alguma epocha durante esse tempo, que nós saibamos (e ainda nas epochas em que era de todo deshabitada), em que estivesse sem a sua pequena communidade de christãos «fieis até á morte.» Essa foi a unica egreja contra a qual nenhumas ameaças estavam implicitas nos Livros Santos, e a unica que sobreviveu.

Com Epheso, distante d'aqui quarenta milhas, onde estava estabelecida outra das sete egrejas, succedeu diversamente. O «candieiro» foi removido de Epheso, e a sua luz apagada. Os peregrinos sempre propensos a encontrar prophecias na Biblia, e muitas vezes onde nenhuma existe, falam com alegria e complacencia da triste e arruinada Epheso como victima da prophecia. E, todavia, lá não ha nenhum conceito que prometta, sem devida qualificação, a destruição da cidade. O texto diz:

«Lembra-te, pois, d'onde cahiste: e arrepende-te e faze as primeiras obras: e se não, venho a ti e moverei o teu candieiro do seu logar, se não fizeres penitencia.»

(*Apocalypse*, II, 5.)

Nada mais; os outros versiculos são propriamente *cumprimentos* a Epheso. A ameaça está pronunciada. Não ha historia que mostre que ella não se arrependeu. Mas o habito mais cruel que teem os modernos sabios em prophecias é o de fria e arbitrariamente enfiarem a camisa prophetica em quem a não merece. E fazem-no sem quê nem para quê. Ambos os casos que acabo de mencionar são exemplos do que digo. Essas «prophecias» são distinctamente applicadas ás «*egrejas*» de Epheso, Smyrna» etc., e, todavia, os peregrinos invariavelmente as referem ás *cidades*, em vez de ser ás egrejas. Nenhuma corôa de vida é promettida á cidade de Smyrna e ao seu commercio, mas ao grupo de christãos que constituiam a sua «egreja». Se foram «fieis até á morte» teem agora a sua corôa — mas nenhuma dose de fidelidade e de subtileza legal combinadas poderiam *arrastar* a cidade a quinhoar das promessas da prophecia. A linguagem majestosa da Biblia é allusiva a uma corôa de vida, cujo fulgor reflectirá a luminosa radiação dos infinitos seculos da eternidade, não a ephemera existencia de uma cidade edificada pelas mãos dos homens, que ha de volver ao pó com os constructores, e ser esquecida até na simples porção de seculos concedida ao proprio mundo solido entre o seu berço e o seu tumulo.

A moda de extrahir cumprimentos de prophecia onde ella consiste de simples «ses» roça pelo absurdo. Supponde que d'aqui a mil annos um pantano com emanações pestiferas substitue o porto baixo de Smyrna, ou que alguma outra cousa mata a cidade; e supponde tambem que, n'esse mesmo tempo, o pantano, que encheu o afamado porto de Epheso e tornou a sua antiga situação um logar mortifero e inhabitavel actualmente, se converte em terra firme e saúdavel; supponde que se segue a consequencia natural, a saber: que Smyrna se torna em uma ruina melancholica e Epheso se reedifica. Que diriam os sabios em prophecias? Saltariam friamente por sobre a nossa edade do mundo e diriam: «Smyrna não foi fiel até á morte, e por isso não teve a sua corôa de vida: Epheso arrependeu-se, e, vêde! o seu candieiro não foi removido. Notae estes testemunhos! Quão admiravel é a prophecia!»

Smyrna foi completamente destruida seis vezes. Se a sua corôa de vida fosse uma apolice de seguro, teria occasião de apurar n'ella a primeira vez que succumbiu. Mas ella tem-na no soffrimento e por uma lisonjeira construcção de linguagem que não se refere a ella. Comtudo, por seis vezes differentes, creio eu que algum infatuado enthusiasta de prophecias se confundiu e disse com infinito desprazer de Smyrna e dos smyrnitas: «Em verdade, aqui está um assombroso cumprimento de prophecia! Smyrna não foi fiel até á morte e notae que a sua corôa de vida lhe desappareceu da cabeça. Veramente, estas cousas são espantosas!»

Ora, isso tem uma influencia má. Provoca os homens mundanos a entabolar uma conversação ligeira relativamente a assumptos sagrados. Os fastidiosos commentadores da Biblia e os prégadores e professores estupidos fazem mór damno á religião do que aquelle contra o qual podem combater os clerigos de espirito penetrante e frio, trabalhando quanto podem. Não é de bom siso collocar uma corôa de vida n'uma cidade que foi destruida seis vezes. Ess'outra classe de pedantes, que entretecem a prophecia de maneira tal que a fazem prometter a destruição e assolação da mesma cidade, raciocinam egualmente mal, pois que a cidade, infelizmente para elles, se acha agora em estado muito florescente. Estas cousas põem argumentos na bôca da infidelidade.

Uma parte da cidade é bem exclusivamente turca; os judeus teem um bairro seu; os francos outro bairro, e outro tambem os armenios. Estes, já se vê, são christãos. As suas casas são grandes, limpas, arejadas, com o pavimento lindamente coberto de quadrados de marmore preto e branco, e no centro de muitas d'ellas ha um pateo quadrado com um jardim luxuriante de flores, e uma brilhante fonte; e para elle dão as portas de todos os aposentos. N'uma sala muito espaçosa está a porta da rua, e ahi é que as mulheres estão a maior parte do dia. Pela fresca do cahir da tarde vestem os seus melhores trajos e vão para a porta da rua. São todas dotadas do aspecto affavel, e excessivamente limpas e asseadas; não parece senão que saltaram de uma caixa de amostras de fitas. Algumas das jovens damas — muitas d'ellas, atrevo-me a dize-lo, são até muito bellas — teem em geral melhor sombra que as raparigas americanas — palavras traiçoeiras, que peço sejam esquecidas. São muito dadas, e, quando um extrangeiro se sorri para ellas, correspondem com um sorriso, inclinam-se para elle, quando as cumprimenta, e, se lhes dirige a palavra, respondem ao que se lhes diz. Não é necessaria apresentação nenhuma. Obtem-se facilmente, e é muito agradavel, o cavaco de uma hora á porta com uma bonita rapariga que nunca se tinha visto. Isso passou por mim. Eu só podia falar inglez, e a rapariga não sabia senão grego ou armenio, ou outro que tal idioma barbaro, mas démo-nos muito bem. Quer-me parecer que em casos semelhantes o facto de não vos poderdes comprehender um ao outro não deve ser havido por contratempo. N'aquella cidade russa de Yalta dancei uma espantosa especie de dansa por espaço de uma hora, dansa em que nunca antes ouvira falar, com uma linda rapariga: conversámos incessantemente, rimos até mais não poder ser, e nenhum de nós soube jámais o que era que dizia o outro. Mas foi esplendido. Havia vinte pessoas n'aquella dansa, que era muito animada e complicada. Bastante complicada sem mim — commigo ainda o era mais. De quando em quando, lançava-me n'uma marca imprevista, que nos surprehendia a todos. Nunca, porém, deixei de pensar n'aquella rapariga. Tenho-lhe escripto, mas não posso endereçar a missiva, porque o nome d'ella é uma d'essas especialidades russas de nove articulações, e na verdade o nosso alphabeto não tem letras que bastem para a cabal expressão d'elle. Não sou tão desasisado que tente proferi-lo quando estou acordado, mas em sonhos dou-lhe um safanão. Nunca me sae da bôca, prende-se-me na lingua. . Então cerra-se a maxilla sobre a outra, e expelle um par das derradeiras syllabas — que sabem bem

Ao atravessarmos os Dardanellos avistámos em terra com os oculos caravanas de camellos, mas nunca estivemos junto de uma antes de chegarmos a Smyrna. Estes camellos são muito maiores do que os especimens enfezados que se vêem no jardim zoologico. Caminham por essas ruas fóra, a um do fundo d z : n'uma caravana, com pezados fardos ás costas, precedidos de um negro de aspecto phantastico, vestido á turca, ou de um arabe, montados n'um burro, completamente eclipsados e reduzidos a uma cousa insignificante por aquelles immensos animaes. Vêr uma caravana de camellos carregados com as especiarias da Arabia e os raros productos da Persia, avançando pelas ruas estreitas do bazar, entre carregadores com os seus fardos, cambistas, traficantes de candieiros, Alnaschares que negoceiam em obras de vidro, corpulentos turcos de pernas encruzadas fumando pelo famoso «narguillé», e os magotes do povo correndo de uma banda para a outra nos imaginosos trajos orientaes, é uma genuina revelação do Oriente. Não falta nada ao quadro. Arremessa-vos logo para o tempo da nossa esquecida infancia, e eis-vos novamente a sonhar com as maravilhas das *Mil e uma noites*; de novo os nossos companheiros são principes, o vosso senhor é o Kalifa Haroun Al Rachid, e os vossos servos terrificos gigantes, que veem com fumo e relampagos e trovões, e se vão como a tempestade quando partem!

VIII

O que ha que ver em Smyrna—O martyr Polycarpo—As «Sete egrejas»—Restos das seis Smyrnas—Mysteriosa mina de ostras—Em busca de scenario de ostras—Uma tradição millerita—Uma via ferrea fóra da sua esphera.

Informámo-nos e soubemos que o que havia que vêr em Smyrna consistia nas ruinas da antiga cidadella, cujos desmantellados e prodigiosos lanços de muralhas mettem medo á cidade de um alto monte situado mesmo no extremo d'ella (o monte Pago das Escripturas, como elles lhe chamam); o local de uma das sete egrejas apocalypticas que foi aqui estabelecida no primeiro seculo da era christã; e a sepultura e o logar do martyrio do venerando Polycarpo, que padeceu em Smyrna pela sua religião, ha de haver mil e oito centos annos.

Alugámos uns burros pequenos e partimos. Vimos o tumulo de Polycarpo e logo depois safámo-nos.

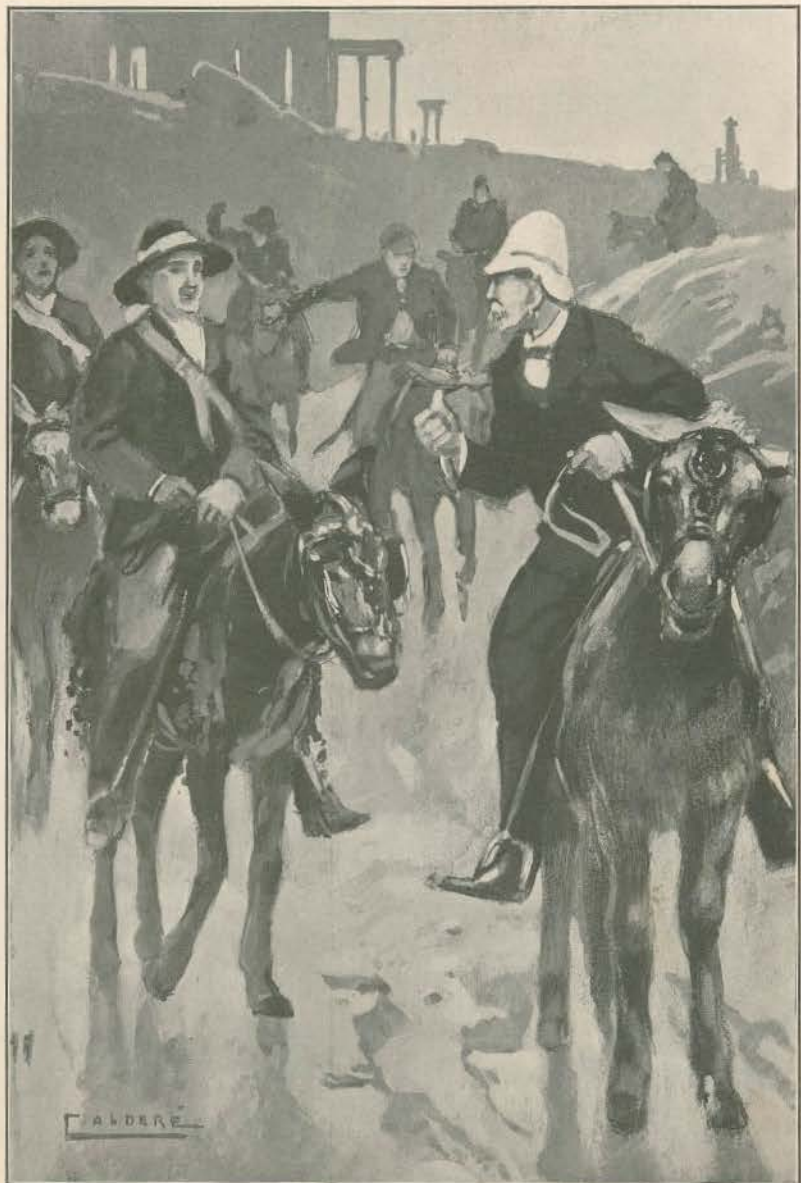
Seguem na lista as «sete egrejas» — d'esta abreviatura é que elles se servem. Para lá fomos — cêrca de milha e meia ao sol abrazador — e visitámos uma pequena egreja grega, que, segundo se diz, foi edificada no antigo logar; e pagámos uma pequena esportula, e o santo guarda deu a cada um de nós uma vêla de cêra, como remembrança do sitio, e eu metti no meu chapeo a minha, que o sol derreteu, vindo a cêra toda a escorrer pelo meu pescoço abaixo; de sorte que só me resta agora o pavio, e não ha cousa mais triste que olhar para esse pavio.

Dos nossos muitos sustentaram, tão bem quanto puderam, que a «egreja» mencionada na Biblia significava uma reunião de christãos, e não um edificio; mas a Biblia fala d'elles como muito desamparados — tão desamparados, pensava eu, e tão sujeitos á perseguição (sirva de exemplo o martyrio de Polycarpo) que em primeiro logar não obtiveram provavelmente permissão para o edificio de uma egreja, e em segundo logar não ousariam construi-la á clara luz do dia, se tal pudessem; e, finalmente, que, se tivessem obtido o privilegio de a erigirem, o senso commum lhes teria suggerido construirem-na em qualquer logar proximo da cidade. Porém, os mais antigos dos viajantes a bordo combateram e zombaram dos nossos argumentos. Todavia, receberam depois a paga. Reconheceram que tinham errado, e descobriram que o sitio preferido é na cidade.

Atravessando a cidade em carruagem pudemos ver vestigios das seis Smyrnas que houve aqui e foram consumidas pelo fogo ou derruidas por terremotos. Os montes e as rochas foram partidos ao meio n'alguns pontos, as excavações patenteiam grandes blocos de pedra de construcção que durante seculos teem estado enterrados, e todas as habitações mesquinhas e muros da moderna Smyrna pelo caminho adeante estão malhados de branco com columnas e capiteis quebrados, e fragmentos de marmore esculpido que adornaram outr'ora os nobres palacios que foram a gloria da cidade em tempos remotos.

A subida do monte da cidadella é muito ingreme, e nós fomos por elle um tanto devagar. Mas em torno de nós havia cousas que despertavam a attenção. N'um logar, quinhentos pés acima do mar, a orla perpendicular sobre a parte superior da estrada era de dez ou quinze pés de altura, e o corte expunha tres veias de conchas de ostras, exactamente como se vissemos veias de quartzo exposto no corte de uma estrada na Nevada ou Montana. As veias tinham cêrca de dezoito pollegadas de espessura, separadas por dois ou tres pés, e inclinavam-se por ali abaixo n'uma distancia de trinta pés ou mais e depois desappareciam no ponto em que o corte se unia á estrada. Só Deus sabe até que ponto um homem poderia seguir-lhes a pista «descobrindo-as».

Eram limpas, bellas conchas de ostras, grandes e taes e quaes como outras conchas de ostras. Estavam muito apertadas umas contra as outras, e nenhumas espalhadas por cima ou por baixo das veias.

FOLHETIM N.º 9 — *(Continúa.)*

SR. ANTONIO CARLOS COELHO VASCONCELLOS PORTO
Engenheiro em chefe da construcçã da linha de Sant'Anna a Vendas Novas

SR. MANOEL M. D'OLIVEIRA BELLO
Engenheiro adjunto da construcção

SR. PAUL CHAPUY
Engenheiro director geral da Companhia Real

SR. FELIX ALVES
Chefe de divisão dos trabalhos

MR. MARIUS ANDWARD
Engenheiro da casa Five Lilles, c nstructor da ponte sobre o Tejo

CHRONICA ELEGANTE

Começa a diminuir um pouco o enthusiasmo que ha alguns annos se accentuava pelas *toilettes* brancas e pretas tão distinctas e altamente elegantes; essa predilecção foi devida aos lutos das côrtes de Italia, Austria e Inglaterra que todas as damas procuraram attenuar, sem, comtudo, fugir ás praxes exigidas pela etiqueta; d'ahi surgiram modelos, innovações que percorreram gloriosamente os centros mundanos de toda a Europa e que as pessoas de bom gosto adoptaram com todo o fervor.

Mas, os lutos passaram, como tudo passa, os olhos enfastiaram-se do repouso a que a brandura d'esses tons os condemnava, e actualmente pretende-se fazer reviver os coloridos vibrantes, fortes e mesmo *berrantes*. Não é nosso intuito discutir o bom ou mau gosto d'esta moda; diremos, sómente, que no preto e branco, assim como em todos os tons attenuados e pallidos não ha difficuldade de escolha, por serem geralmente *seyants*, emquanto na adopção de côres muito vivas é necessario o mais ajuizado criterio, mórmente no nosso paiz, onde abundam os graciosos rostos de tez pallida e morena que não pódem soffrer impunemente a approximação do verde esmeralda, do *bleu de roy* (azulino), do *violet évêque* (roxo avermelhado) e outras côres semelhantes.

De noute, com a luz artificial, com os attavios que marisam e adornam a *toilette* e, sobretudo, com o decote que colloca o vestido a distancia do rosto, ainda essas côres poderão não prejudicar a physionomia; porém, de dia, á luz crúa e faiscante do nosso bello sol, a visinhança d'esses tons duros é inteiramente opposta ao que se chama *parecer bem*.

Figura 1

Figura 2

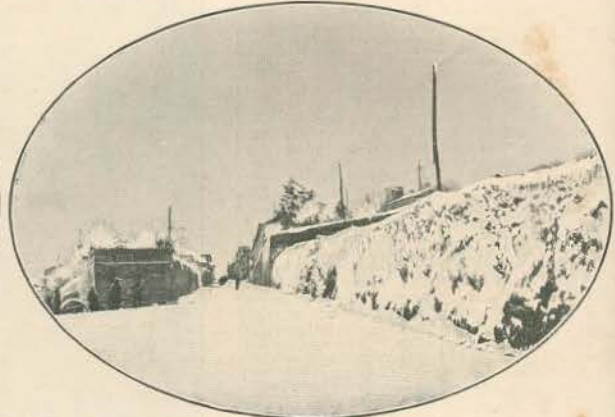
As *toilettes* de recepção, de jantar e baile continuam a ser um delicioso conjuncto de sumptuosidade, elegancia e, diremos mesmo, de valor artistico; nos tecidos pesados de seda, velludo, brocado, adopta-se muito a forma *princesse*, tão apropriada ás estaturas elevadas e aos portes majestosos; as *toilettes* leves de tulle, gaze, mousseline e rendas guarnecem-se profusamente de franzidos, rufos, folhos, plissés: bordam-se a froco ou seda de varios matizes, entremeiadas de fios de ouro e prata, perolas e brilhantes, medalhões *incrustés* de renda ou de seda pintada.

As flores constituem uma das mais lindas decorações dos vestidos de baile; collocam-se de todas as maneiras, sendo, porém, uma das mais modernas as pequenas corôas de *roses pompom*, *églantines*, *margaridas* ou myosotis, que se põem ao *acaso* sobre a saia e em volta do decote. As orchideas e chrysantemos formam ramos ou hastes que ornam só um lado do vestido e do corpo, cahindo graciosamente, acompanhadas de folhagem. Não é de rigor as flores serem da mesma côr da *toilette*; pelo contrario, é distinctissima a differença de colorido, procurando todavia que o conjuncto seja harmonico.

Figura 3

Fig. 1 — *Toilette* de baile em tulle azul pallido *pointillé* de froco *mauve*, guarnecida de folhinhos de tulle debruados de froco das mesmas côres e entremeios *incrustés* de renda com fios de ouro. Ramo e haste de orchideas *mauve* ao lado esquerdo do decote.

Fig. 2 — *Toilette* de recepção em velludo *mousseline rose* com franzidos e galões crême bordados a ouro.

Fig. 3 — *Toilette* de passeio em panno verde pavão com galões de froco verde *changeant* e botões no mesmo genero. Chapeu de pennas de pavão ornado de dois colibris.

UM NEVÃO NA GUARDA: A CATHEDRAL COBERTA DE NEVE—UM ASPECTO DA RUA D. LUIZ NO DIA DA NEVADA